

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

Por que ler *As mil e uma noites*? Uma proposta de leitura do maravilhoso para o Ensino
Médio

Lívia Rodrigues Cordeiro

Rio de Janeiro

2023

Lívia Rodrigues Cordeiro

Por que ler *As mil e uma noites*? Uma proposta de leitura do maravilhoso para o Ensino
Médio

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do Título de Especialista em
Literatura Infantil e Juvenil.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Georgina da Costa Martins

Rio de Janeiro

2023

Folha de Avaliação

Lívia Rodrigues Cordeiro

Por que ler *As mil e uma noites*? Uma proposta de leitura do maravilhoso para o Ensino
Médio

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Literatura Infantil e Juvenil.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Nota: _____

Prof.^a Dr.^a Georgina da Costa Martins – Presidente da Banca

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Nota: _____

Prof.^a Dr.^a Sonia Monnerat Barbosa – Leitora Crítica

Universidade Federal Fluminense

Média: _____

CIP - Catalogação na Publicação

R785q Rodrigues Cordeiro , Livia
Por que ler As mil e uma noites? Uma proposta de
leitura do maravilhoso para o Ensino Médio / Livia
Rodrigues Cordeiro . -- Rio de Janeiro, 2023.
39 f.

Orientadora: Georgina da Costa Martins.
Trabalho de conclusão de curso (especialização) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Literatura Infantil e Juvenil, 2023.

1. As mil e uma noites. 2. O maravilhoso. 3. Os
clássicos . 4. Leitor-modelo. 5. Violência contra
mulher. I. da Costa Martins, Georgina , orient. II.
Título.

Os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos.

(Italo Calvino, em *Por que ler os clássicos?*, 1993)

Resumo

Este trabalho objetiva apresentar uma proposta de leitura do maravilhoso para o Ensino Médio, dado ao fato de que se trata de um segmento do ensino em que os jovens estão aptos a problematizar e refletir sobre questões sociais sensíveis, como os variados tipos de violência contra a mulher. Para tanto, utiliza-se como objeto de análise um *corpus* de quatro narrativas pertencentes ao primeiro volume da coletânea de *As mil e uma noites* (2006), com a finalidade de compreender que a atuação do maravilhoso na obra configura-se como estratégia de denúncia social, bem como de manipulação contra a figura feminina. A fim de sustentar a análise empreendida, toma-se como apoio teórico as reflexões apresentadas por Le Goff (1994) sobre a definição do maravilhoso e as contribuições levantadas por Eco (1994) a respeito do leitor-modelo, no sentido de observar a maneira como se dá o processo de manipulação e sedução no âmbito da experiência de leitura dessa obra, uma vez que o referido clássico universal estrutura-se em narrativas encaixadas (TODOROV, 2006), as quais operam na medida que uma se desenvolve sobre a outra. O presente trabalho também visa discutir a importância dos clássicos para a formação do jovem leitor e o modo como essas obras podem ser um ponto de partida para experiências de leitura posteriores (CALVINO, 1993).

Palavras-chave: *As mil e uma noites*. O maravilhoso. Os clássicos. Narrativas. Leitor-modelo. Violência contra mulher.

Abstract

This work aims to present a proposal for reading the marvelous for high school, given the fact that it is a segment of education in which young people are able to problematize and reflect on sensitive social issues, such as the various types of violence against women. To this end, a *corpus* of four narratives belonging to the first volume of the collection of *The Thousand and One Nights* (2006) is used as an object of analysis, with the aim of understanding that the performance of the marvelous in the work is configured as a strategy of social denunciation, as well as manipulation Against the female figure. In order to support the analysis undertaken, the reflections presented by Le Goff (1994) on the definition of the marvelous and the contributions raised by Eco (1994) regarding the model reader are taken as theoretical support, in order to observe the way how the process of manipulation and seduction takes place within the Reading experience of this work, since the aforementioned universal classic is structured in embedded narratives (TODOROV, 2006), which operate as one develops over the Other. The present work also aims to discuss the importance of the classics for the formation of young readers and the way in which these works can be a starting point for later Reading experiences (CALVINO, 1993).

Key-words: The one Thousand and one nights. The marvelous. The classics. Narratives. Model reader. Violence Against women.

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo 1: <i>As mil e uma noites</i>.....	11
Capítulo 2: Problematizações sobre as condições sociais da mulher no Oriente.....	14
Capítulo 3: Reflexões teóricas.....	18
3.1: O maravilhoso medieval: Le Goff (1994).....	18
3.2: A projeção do autor: o leitor-modelo: Eco (1994).....	20
3.3: A apreciação dos clássicos: por que os ler? Calvino (1993).....	21
Capítulo 4: A atuação do maravilhoso: denúncia social e manipulação contra a mulher.....	23
Considerações finais.....	35
Referências.....	37

Introdução

A afirmação de que os jovens não leem é uma falácia. O público juvenil consome literatura em diversos suportes, desde audiolivros e *podcasts* a aplicativos de leitura, como o *Wattpad*, e plataformas digitais gratuitas que funcionam como redes sociais para o compartilhamento de sugestões de leitura entre leitores, como o *Goodreads*, o *Skoob* e o *Scribe*. Apesar de essas plataformas serem as mais utilizadas hoje em dia, devido ao advento da tecnologia, os livros também são usados para o consumo da literatura. Tendo em vista essas questões, Amorim; Domingues; Klayn; Silva (2022) destacam o seguinte:

“a literatura permanece bastante viva em nossa sociedade, isto é, ela é lida, debatida, ocupa diferentes espaços e se desdobra em múltiplas linguagens multimediais. Desconsiderar a presença e a relevância da produção literária nos dias de hoje evidencia uma percepção limitada do que é literatura, uma vez que ela assumiu novas maneiras de se apresentar e se representar: a literatura tem sido constantemente resignificada em uma sociedade cada vez mais multiletrada.” (AMORIM; DOMINGUES; KLAYN; SILVA, 2022, p. 16).

Além disso, o consumo por literatura fantástica e maravilhosa mostra-se significativo entre os jovens. A saga *Harry Potter* (1998-2007) é um exemplo que evidencia a exploração dos jovens pelo universo mágico e fantástico. Outra obra que seduz o público juvenil são *As crônicas de gelo e fogo* (1996-atual), narrativas que chamam a atenção desses leitores para o universo da fantasia. *As crônicas de gelo e fogo* foram fontes de inspiração para a série televisiva *Game of Thrones*, que é considerada uma das séries mais assistidas da atualidade. Além desses livros, outras obras como HQ's também são alvo do público infanto-juvenil, uma vez que desperta o interesse pelo universo de fantasia. Assim, percebe-se que a literatura não se encontra longe dos leitores e, sim, faz parte de seu cotidiano, alimentando sua imaginação.

Tendo em vista esse significativo consumo dos jovens leitores pela literatura maravilhosa e fantástica, o presente trabalho objetiva apresentar uma proposta de leitura do maravilhoso para o Ensino Médio, uma vez que se entende que os jovens estudantes desse segmento estão aptos a refletir e problematizar condições sociais sensíveis, como a violência contra a mulher. Para a realização da análise empreendida neste trabalho, utiliza-se como objeto de análise um *corpus* de quatro narrativas pertencentes ao primeiro volume da coletânea de *As mil e uma noites* (2006), com a finalidade de compreender que a atuação do maravilhoso na obra configura-se como estratégia de denúncia social, bem como de manipulação contra a figura feminina. A fim de sustentar a análise aqui adotada, toma-se como apoio teórico as reflexões apresentadas por Le Goff (1994) sobre a definição do maravilhoso e as ponderações feitas por Eco (1994) a respeito do leitor-modelo, no sentido de observar a maneira como se dá o processo de manipulação e sedução no âmbito da experiência de leitura dessa obra, uma vez que o

referido clássico universal estrutura-se em narrativas encaixadas (TODOROV, 2006), as quais operam na medida que uma se desenvolve sobre a outra. Assim, neste trabalho, considera-se o jovem leitor como o leitor-modelo, pois ele pode se permitir se envolver nessas histórias, para alimentar seu imaginário. O presente trabalho também visa discutir a importância dos clássicos para a formação do jovem leitor e o modo como essas obras podem ser um ponto de partida para experiências de leitura posteriores (CALVINO, 1993).

O trabalho aqui realizado justifica-se pela necessidade da valorização e do reconhecimento dos clássicos no âmbito do público juvenil. Calvino (1993) defende que “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” (CALVINO, 1993, p. 16). Tendo em vista isso, pode-se compreender que a obra *As mil e uma noites* (2006), apesar de apresentar uma sociedade oriental com costumes e crenças distintas dos costumes da civilização ocidental, levanta questões sobre o comportamento social do homem e da mulher e problematiza, por meio do maravilhoso, os diversos tipos de controles sobre as mulheres, levando o leitor a se ater a questões relacionadas ao machismo e ao modo como esse tipo de conduta se concretiza no âmbito de uma sociedade. Tais características fazem parte do ser humano, quer ele esteja no Ocidente, quer esteja no Oriente. Levando isso em consideração, busca-se propor um gesto de leitura do maravilhoso para o Ensino Médio não como forma de limitar a reflexão que esse jovem pode construir sobre a obra, mas como ponto de partida para que ele possa ampliar sua visão de mundo e desenvolver um senso crítico frente a essa problemática social que está longe de terminar.

Além disso, a justificativa para a realização dessa proposta se apoia também na Base Nacional Comum Curricular (2018), que destaca a importância da literatura no âmbito do Ensino Médio. Assim, esse documento encara a literatura como uma linguagem artisticamente organizada e como um caminho que possibilita ao aluno a ampliação da capacidade de ver e sentir o mundo à sua volta. A BNCC também entende que a literatura permite ao estudante “colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando.” (BRASIL, 2018, p. 499).

Capítulo 1: *As mil e uma noites*

A obra *As mil e uma noites* consiste em uma coletânea de 5 volumes e foi traduzida diretamente do árabe pelo brasileiro Mamede Mustafa Jarouche. O clássico universal caracteriza-se em ser uma obra literária, cuja origem concentra-se no Oriente, como também os referidos livros são responsáveis por apresentar histórias da tradição oral, que se dividem nas narrativas da Síria, do Egito, da Índia e da Pérsia. Em toda extensão de cada volume, encontram-se narrativas maravilhosas marcadas pelo tom de sedução e erotismo, bem como pela presença de metamorfoses, gênios, duendes, objetos mágicos, criaturas mágicas, mudança na linha temporal e etc. Pode-se, assim, definir *As mil e uma noites* como “um repertório fantástico que até hoje nenhuma outra obra humana igualou” (LIVRO DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 08). É importante destacar que, para a realização da análise que se propõe fazer neste trabalho, utiliza-se o volume 1.

Segundo Coelho (2003), a obra *As mil e uma noites* é compreendida como uma das coletâneas mais importantes do fabulário oriental e, possivelmente, foi reunida em fins do século XV. No entanto, somente no século XVIII, o clássico ganhou reconhecimento no mundo ocidental, através da tradução francesa feita por Antoine Galland e teve sua publicação em 1704. Foi nesse período em que a obra obteve sucesso entre os leitores e nos salões elegantes da França (COELHO, 2003, p. 34).

É necessário destacar que o clássico se diferenciava das obras que eram publicadas no século XVIII. Isso porque o objetivo das narrativas de *As mil e uma noites* não consistia no aspecto moralizante que ecoava naquele momento em fábulas e apólogos em que havia a predominância de heróis e heroínas mitológicos, naufrágios, pirataria e aventuras mirabolantes, cujas provocações adivinham da fúria de deuses, conforme salienta Coelho (2003). De acordo com a autora, “*As mil e uma noites* traduziam a malícia e o alegre amoralismo dos antigos fabliaux franceses” (COELHO, 2003, p. 35). O principal interesse da obra incidia na revelação do mundo real e nas manifestações culturais diferentes dos costumes preconizados por civilizações cristãs.

Coelho (2003) aponta também algumas considerações a respeito dos aspectos que operam na construção desse clássico. A obra foi preservada pela literatura e apresentou-se como um sucesso em diferentes povos. Mas, além da sedução que a obra enfatiza – as narrativas encaixadas configuram-se como estratégia de sedução que instiga o leitor a uma prática de leitura voraz –, a autora afirma que “existe um importante eixo vital, em torno do qual se desenrolam: as relações homem-mulher, envolvendo amor/morte/palavra e visceralmente

ligadas à dúplice natureza atribuída à mulher: fiel/infiel, pura/impura, entre outras” (COELHO, 2003, p. 35). Desse modo, percebe-se que a mulher é vista como objeto; ela deve obediência a seu esposo, caso contrário será considerada impura e subjugada. E, nesse processo de punição, entram em cena artifícios do maravilhoso, cujo objetivo é provocar medo e facilitar a manipulação. Tais questões terão seus desdobramentos devidamente apresentados no capítulo dedicado à análise.

As histórias presentes nesse clássico se desenvolvem a partir de uma narrativa central. Esta corresponde à atuação da princesa Scherazade, que, todas as noites, conta uma história maravilhosa para seu marido, o rei Schariar, com a finalidade de se manter viva, uma vez que todas as mulheres com as quais ele se casa devem ser assassinadas após a primeira noite por ordem do próprio rei. Essa ordem macabra resulta da sua tirania e poder, devido ao fato de ele ter sido traído pela sua primeira esposa. Scherazade, ao apresentar as histórias maravilhosas, seduz e manipula tanto seu esposo, quanto o leitor. Esse processo de sedução e manipulação ocorre no momento em que a história atinge seu ápice, instante em que Scherazade interrompe a narrativa, o que provoca imensa curiosidade em Schariar, bem como no leitor, para saber o final da história.

A construção das narrativas tem algumas características peculiares. Isso porque as histórias são interligadas, o que se configura como uma estratégia para despertar a curiosidade de saber o final delas. Assim, por exemplo, a contação da história é interrompida pela princesa, mas a personagem enfatiza que a continuação da narrativa é macabra e insólita, fazendo com que o rei e o leitor fiquem presos e curiosos pelo final da história. O início de cada história também chama a atenção, dado ao fato de que a introdução de cada narrativa pode ser compreendida como uma espécie de ritual, uma vez que a irmã de Scherazade, Dinarzade, pede todas as noites que a princesa finalize a história contada no dia anterior, ou seja, é um tipo de prática a ser repetida todas as noites. É possível notar isso no seguinte trecho: “Por Deus, maninha, se você não estiver dormindo, conte-nos uma de suas belas historinhas para que atravessemos o serão desta noite” (LIVRO DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 53). Vale lembrar que por meio desse trecho percebe-se que Dinarzade dorme juntamente com sua irmã e o rei no mesmo local.

É importante destacar que a estratégia, adotada por Scherazade para a construção das narrativas, é semelhante à utilizada pelos contadores tradicionais de histórias. Estes se valiam de artifícios de sedução, manipulação e suspense, com o objetivo de chamar atenção dos leitores, prendendo-os na história. Esse tipo de estratégia permitia que os leitores, juntamente

com o contador, embarcassem em diversas viagens dentro das próprias narrativas, o que os envolvia como uma presa; isso, geralmente, acontecia quando se tratava de contos de fadas, histórias fantásticas e maravilhosas. É importante frisar que muitas das histórias presentes em *As mil e uma noites* foram adaptadas como contos infantis e ganharam espaço no mundo cinematográfico da *Disney*, por exemplo. Dentre elas, destaca-se a história *Aladdin e a Lâmpada Mágica*, que pertence ao volume 4 da obra *As mil e uma noites*.

Por fim, Coelho (2003) enfatiza uma característica importante que possibilita conceber *As mil e uma noites* como um clássico universal. Segundo a autora, a obra é compreendida dessa forma porque as histórias permitem observar o lado mais profundo da natureza humana e

“suas necessidades básicas de sobrevivência física e de realização econômica, social e afetiva. Por meio de uma ótica agudamente crítica e satírica, são denunciados os grandes vícios e erros que perturbam a harmonia do mundo (o impulso para o fazer e o saber, o desejo de descoberta do novo, a generosidade, o amor)” (COELHO, 2003, p. 36).

Apesar de serem narrativas oriundas do Oriente e que evidenciam costumes e crenças distintos das culturas do Ocidente, a obra apresenta aspectos inerentes à natureza humana, o que contempla todos os povos e nações.

Capítulo 2: Problematizações sobre as condições sociais da mulher no Oriente Médio

No Oriente Médio, as condições sociais da mulher são marcadas por restrições determinadas pelo sistema patriarcal, que se alimenta de preceitos religiosos conservadores pautados no islamismo. No entanto, a configuração do autoritarismo imposto pela figura masculina se apresenta de diferentes maneiras nos países que compõem o Oriente Médio, como também não abrange todos eles. Os países que constituem esse território são o Afeganistão, a Arábia Saudita, Barein, o Catar, os Emirados Árabes Unidos, o Iêmen, o Irã, o Iraque, Israel, a Jordânia, Kuwait, o Líbano, Omã, a Síria, a Turquia e a Palestina. Apesar da diversidade religiosa, étnica, cultural e linguística presente nos referidos espaços, a religião islâmica mostra-se hegemônica nesses lugares (GARCIA, 2019).

Nesse sentido, o islamismo é a religião que se institucionalizou e, assim, rege as leis de alguns dos países supracitados. Segundo Botelho (2018), a religiosidade promoveu e solidificou “desigualdade entre homens e mulheres, predominante na cultura de quase todas as nações do mundo por muitos séculos” (BOTELHO, 2018, p. 16). No âmbito do Oriente Médio, não é diferente, uma vez que as condutas morais estabelecidas para as mulheres são baseadas no ¹Alcorão – livro sagrado do islamismo –, o que, conseqüentemente, impossibilita a liberdade feminina em vários aspectos, inclusive em sua vida social. A religião nesses espaços atua como instituição responsável pela prática de inferiorização da mulher, tanto ideologicamente, quanto culturalmente (BOTELHO, 2018). Além disso, percebe-se que as leis estabelecidas pelo islamismo promovem desigualdade no âmbito das relações sociais entre os sexos (HAJJAMI, 2008).

Segundo o Alcorão, as mulheres devem cobrir-se dos pés à cabeça, para que elas resguardem seus “atrativos” e, dessa forma, venham se comportar com pudor. Assim, quando não estão no seio de sua família, a mulher deve, obrigatoriamente, usar seus véus, deixando expostos apenas seus olhos. De acordo com Espinola (2000), no Afeganistão, as mulheres usam um vestido longo, cujo nome é burqua, com uma brecha apenas em seus olhos para que elas possam enxergar. O radicalismo do sistema patriarcal se mostra tão alarmante que, caso as mulheres não utilizem essa vestimenta de forma correta, a consequência por não seguir essa regra é sua morte. Nesse país, “uma mulher apanhou até a morte de um grupo de fundamentalistas por expor o braço dela acidentalmente enquanto estava dirigindo”

¹ O Alcorão, livro adotado pela religião islâmica, caracteriza-se em ser um livro sagrado que apresenta a palavra de um único Deus – Allah –, por meio de revelações proféticas. Nele, é possível encontrar preceitos religiosos que regem as bases éticas e morais do islã. Definição retirada do seguinte site: <https://sites.ufpe.br/leom/2021/04/12/alcorao-o-livro/>.

(ESPINOLA, 2000, p. 01). No Irã, não é diferente, pois, conforme noticiou o jornal O Globo (2022), uma jovem chamada Mahsa Amini, de 22 anos, foi detida por usar de forma inadequada o véu. Após três dias, ela foi morta pela polícia que efetuou sua prisão. A partir disso, percebe-se que a mulher não tem autonomia de seus corpos e de suas roupas, uma vez que elas não podem usufruir da liberdade de escolha e não podem ter independência, dado ao fato de que o homem controla tudo, desde a vida delas até suas vestimentas.

Além dessas questões relativas à roupa feminina em alguns países do Oriente Médio, a mulher se depara com outras formas de controle social. No Irã, ela enfrenta grandes dificuldades para conseguir o divórcio, enquanto para o homem, esse processo é facilitado e, além disso, “a lei concede ao marido o direito de repudiar a esposa, sem que ela possa contestar ou pedir pensão” (ESPINOLA, 2000, p. 02). Na Arábia Saudita, as mulheres não podiam ter o direito de dirigir um carro, conforme destaca Espinola (2000). No entanto, devido a grandes lutas e protestos de ativistas, em 2018, o país concedeu-lhes esse direito, apesar de ter sido o último país no mundo a possibilitar às mulheres a essa prática (G1, 2018). Ainda nesse local, a mulher também não tem liberdade de transitar pelos espaços sem estar acompanhada por um homem. Segundo Espinola (2000), ela é isenta do direito de sentar-se sozinha em espaços públicos. Essa privação do direito de ir e vir também se apresenta no Catar, uma vez que, segundo uma catariana, para qualquer decisão importante – seja casar, matricular-se em uma faculdade, estudar no exterior, viajar ou se divorciar – que uma mulher deve tomar, ela precisa de uma autorização escrita por um tutor do sexo masculino (BBB News Brasil, 2022). Assim, percebe-se que a mulher está confinada ao controle do homem, o que possibilita observar que suas ações são silenciadas pela opressão masculina de forma violenta, caso ela ouse contrariá-lo.

No Paquistão – país adepto ao islamismo –, as mulheres sofrem com a prática de estupros que não são impunes. Segundo Fiorillo (2017), no país, o estupro não é concebido como crime, mas, sim, como ato de justiça e esse ato brutal fez uma jovem de apenas 16 anos ser alvo de um estupro coletivo. Ainda conforme destaca a autora, “o ocorrido não é novidade no país e o estupro coletivo é muito utilizado como penalidade por “autoridades” de conselhos tribais, em vilas do Paquistão” (FIORILLO, 2017). De acordo com Fiorillo (2017), os dados fornecidos pela Comissão para Direitos Humanos do Paquistão, em 2016, mostram um registro de 2.500 casos de violência contra mulheres, sendo 1.000 casos de estupro e, 150 desses casos, a vítima foi queimada viva ou exposta à violência com ácido. Observa-se que todas essas condições violentas são alimentadas por um sistema patriarcal opressor que visa subjugar as mulheres, transfigurando essa prática em um ato de justiça. Diante desse cenário, é possível

notar que a mulher não tem nenhum tipo de amparo jurídico, físico, psicológico e médico. Portanto, é perceptível a falta de sensibilidade com sua vida.

A discriminação de gênero também é uma problemática que faz parte de algumas comunidades islâmicas. Segundo Lacerda; Lustosa (2017), na Arábia Saudita, percebe-se uma preocupação por parte do governo no incentivo à educação, mas é evidente que o conteúdo ensinado nas escolas é distinto, levando em consideração o gênero. Para as meninas, são ensinados apenas assuntos referentes ao ambiente doméstico e o modo de realização das tarefas do lar, enquanto para os meninos, são apresentados assuntos como a educação física. Ainda de acordo com as autoras, essa discriminação de gênero fundamenta-se em preceitos religiosos islâmicos e, conforme comprovou o estudo feito por elas, “a Arábia Saudita figurou nos discursos obtidos como sendo um país mais conservador na questão tematizada por esse estudo e como tendo poucos avanços na questão da igualdade de gênero” (LACERDA; LUSTOSA, 2017, p. 216). Além disso, as autoras destacam a contradição entre o que defendem os documentos oficiais que visam assegurar os direitos humanos islâmicos e a realidade desse país. Assim,

“o fato de existir discriminação de gênero quanto à vestimenta da mulher e às matérias ministradas nas escolas, portanto, contraria diretamente os documentos dos direitos humanos islâmicos [...]. Questões políticas e religiosas que marcam o conservadorismo, como na Arábia Saudita, podem acarretar as diferenças de tratamento e de acesso à educação” (LACERDA; LUSTOSA, 2017, p. 216).

Além desses controles e restrições em nível social, o Alcorão apresenta preconceitos relativos à natureza feminina. Garcia (2019) destaca que a questão do corpo para esse livro sagrado é muito importante, porque, para a realização das cinco orações que precisam ser feitas pelos fiéis ao longo do dia, os muçulmanos (tanto homens quanto mulheres) devem passar por uma espécie de ritual de purificação, por meio da limpeza. No entanto, a condição da mulher nesse processo é de inferiorização, pois alguns versículos desse livro religioso indicam que fenômenos naturais, como a menstruação e o sangue do parto, são concebidos como impuros, relegando a mulher a uma posição de sujeira, de pecado, como se naturalmente ela fosse pecaminosa.

Em face de todas essas problematizações, percebe-se que as condições de submissão, de jugo e de exclusão social as quais a maior parte das mulheres muçulmanas está destinada permitem observar influências de uma mentalidade e de um sistema patriarcal que se valem de preceitos religiosos para reafirmar e reforçar práticas de dominação, de violência e de exclusão contra às mulheres (HAJJAMI, 2008), de modo que elas venham estar sempre sob o jugo do homem, para lhe obedecer e lhe servir. De acordo com Santos (2014), “o homem controla o

espaço social por meio do discurso islâmico” (SANTOS, 2014, p. 213). Nesse sentido, percebe-se que a opressão é feita tanto por meio do discurso – uma vez que isso se configura como uma estratégia de manipulação e alienação –, como também se revela por meio da força masculina, através da violência física.

Diante desse cenário, as mulheres se veem em um mundo restrito e sem possibilidades de liberdade e isso pode gerar árduas consequências em suas vidas, tanto em nível físico quanto psicológico. Para alimentar discursos e práticas autoritárias que subjagam a mulher, o homem se vale de preceitos religiosos, muitas vezes transfigurando execuções violentas em atos de justiça. Tendo em vista isso, é evidente que a prática de dominação é projetada em sua mente como conduta normal, para a valorização do respeito e da fé. Todas essas condições sociais de subjugação, pontuadas no presente texto, revelam-se através do discurso opressor e da agressão física contra a figura feminina, pois tais recursos brutais se configuram como estratégias de manipulação e alienação, para o controle da vida das mulheres em nível cultural, social e psicológico.

Capítulo 3: Reflexões teóricas

Neste capítulo, objetiva-se apresentar os referenciais teóricos que irão nortear a análise feita neste trabalho. Assim, recorrem-se as reflexões apresentadas por Le Goff (1994) sobre a definição do maravilhoso, uma vez que se parte do princípio de que o maravilhoso configura-se como uma estratégia de manipulação e denúncia social em *As mil e uma noites* (2006) e destacam-se as contribuições levantadas por Eco (1994) a respeito do leitor-modelo, com a finalidade de observar a maneira como se dá o processo de manipulação e sedução no âmbito da experiência de leitura dessa obra, dado ao fato de que o clássico estrutura-se em narrativas encaixadas, as quais operam na medida que uma se desenvolve sobre a outra. Além disso, busca-se discutir o contato dos jovens com os clássicos universais, a fim de compreender essas obras como ponto de partida para experiências de leitura futuras (CALVINO, 1993).

3.1: O maravilhoso medieval: Le Goff (1994)

Segundo Le Goff (1994), o adjetivo maravilhoso originou-se a partir do vocábulo *mirabilia*, cuja raiz morfológica é *mir* e indica algo visual. No entanto, a referida palavra não se detém apenas ao aspecto visual, aquilo que o homem pode visualizar com os olhos, mas vai além disso. O vocábulo *mirabilia* também não objetiva remeter-se aquilo que é belo e bonito, mas se refere ao plano do imaginário, ou seja, significa projetar / mirar o irreal e o insólito e isso envolve “uma série de imagens e de metáforas visuais” (LE GOFF, 1994, p. 46). Além disso, conforme defende o autor, não se pode deixar de considerar que esse maravilhoso era utilizado nas línguas vulgares por culturas pré-cristãs, uma vez que antes de os clérigos se apropriarem do maravilhoso e o modificarem, as línguas vernáculas já apresentavam questões relativas à atuação do sobrenatural. Posteriormente, “quando as línguas vulgares vêm à superfície e se tornam línguas literárias, a palavra *maravilha* aparece em todas as línguas românicas” (LE GOFF, 1994, p. 46).

Além de retratar o aspecto linguístico do maravilhoso, Le Goff (1994) apresenta três questões que merecem atenção, relativas à atuação do sobrenatural no âmbito da Idade Média. Essas considerações apontadas pelo autor referem-se a i) a maneira como o homem medieval recebeu a herança do maravilhoso, ii) o papel do maravilhoso em uma religião monoteísta e iii) a função do maravilhoso no mundo.

Ao se valer do conceito de herança para entender a maneira como o homem medieval recebeu o maravilhoso, Le Goff (1994) destaca que a herança é algo que se pode aceitar, recusar

ou modificar e isso pode acontecer no âmbito coletivo ou individual. Segundo o autor, o cristianismo difundiu-se pelo mundo e, em função disso, pôde ter contato com culturas diversas, antigas, tradicionais e, inclusive, com o maravilhoso. No âmbito da Alta Idade Média, entre os séculos V e XI, houve uma recusa do maravilhoso, uma vez que a Igreja desejava ou o modificar absolutamente, transfigurando-o com outros significados e isso, evidentemente, tirava a essência e o verdadeiro sentido do maravilhoso ou ela também buscava “ocultar ou mesmo destruir aquilo que para ela é um dos elementos talvez mais perigosos da cultura tradicional a que ela dá, em globo, o nome de pagã” (LE GOFF, 1994, p. 48). No entanto, posteriormente, a Igreja passou a não se opor mais à irrupção do maravilhoso na sociedade. E, apesar de o cristianismo ter se mostrado resistente à herança do maravilhoso à primeira vista, ele se alimentou dessa herança deixada por povos antigos.

No que diz respeito ao papel do maravilhoso em uma religião monoteísta, Le Goff (1994) afirma que, nos séculos XII e XIII, o sobrenatural ocidental apresentava-se a partir de três adjetivos: *mirabilis*, *magicus* e *miraculosus*. O *mirabilis* consistia em ser o maravilhoso que pertencia às culturas pré-cristãs, o *magicus* designava o sobrenatural maléfico e satânico e o *miraculosus* era o miraculoso que pertencia ao maravilhoso cristão. Uma das características do maravilhoso, pertencente às culturas tradicionais, era justamente a ação do sobrenatural por meio de uma multiplicidade de forças e através da imprevisibilidade. No entanto, ao adaptar o maravilhoso no âmbito de uma religião monoteísta – o cristianismo –, a Igreja erradica as principais funções do maravilhoso, evidenciando que o único autor do milagre pode ser apenas um: deus. Outro fator que faz desvanecer o aspecto autêntico do maravilhoso é a intervenção dos santos. A atuação dos santos implica na previsibilidade, uma vez que se sabe quando e como o milagre vai acontecer. Toda essa adaptação da Igreja permitiu observar que “há todo um processo de esvaziamento do maravilhoso” (LE GOFF, 1994, p. 50).

Por fim, no que tange à função do maravilhoso no mundo, o autor enfatiza que:

“O maravilhoso é um contrapeso para a vulgaridade e a regularidade quotidianas. Mas esse contrapeso ordena-se e funciona de modos diferentes consoante as sociedades e as épocas. No Ocidente medieval, os *mirabilia* tiveram tendência para organizar-se numa espécie de universo às avessas. Os seus principais temas são: a abundância de alimentos, a nudez, a liberdade sexual e a ociosidade” (LE GOFF, 1994, p. 51).

Nesse sentido, de acordo com Le Goff (1994), o maravilhoso é tudo aquilo que não pode ser compreendido à luz da racionalidade e seu objetivo é justamente quebrar a regularidade do cotidiano, trazendo as sensações de admiração e espanto aos homens. O maravilhoso não pode ser absorvido na realidade, uma vez que não é possível explicá-lo por vias racionais. Desse modo, fazendo alusão a Todorov, Le Goff (1994) afirma que “o maravilhoso deixa sempre um

resíduo sobrenatural que nunca se conseguirá explicar por outra coisa que não seja o sobrenatural” (LE GOFF, 1994, p. 49). Vale destacar que o homem cria o maravilhoso para alimentar seu imaginário e escapar da realidade dura e cruel em que vive. Além disso, o maravilhoso também pode ser concebido como uma estratégia de manipulação e sedução, conforme explicita Le Goff (1994), “o maravilhoso exerceu sobre os espíritos seduições evidentes – que são uma das suas funções na cultura e na sociedade” (LE GOFF, 1994, p. 48). O maravilhoso, além de ser constituído dessas funções, pode ser, sobretudo, uma ferramenta de denúncia de uma determinada situação, realidade ou sociedade.

3.2: A projeção do autor: o leitor-modelo: Eco (1994)

De acordo com Eco (1994), o leitor pode ser compreendido como uma peça-chave importante no processo de produção das narrativas, sejam elas quais forem. Nesse sentido, “numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história” (ECO, 1994, p. 07). Além de valorizar a presença do leitor, o autor destaca algumas especificidades da construção de textos narrativos que visam projetar o leitor esperado.

Inicialmente, Eco (1994) enfatiza o caráter veloz dos textos ficcionais. Isso porque são narrativas que apresentam diversos acontecimentos e personagens, mas nunca são capazes de dizer absolutamente tudo que o leitor quer saber. Isso é perceptível devido a presença de lacunas que exigem do leitor a função de preenchê-las, “afinal, todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho” (ECO, 1994, p. 09). O autor ainda destaca que seria um problema significativo se o texto apresentasse tudo, porque a narrativa seria eterna e, conseqüentemente, cansativa.

Segundo Eco (1994), o bosque, compreendido metaforicamente como texto narrativo, caracteriza-se ser não apenas contos de fadas, mas também variados tipos de textos. O autor explicita que o bosque apresenta caminhos que indicam duas direções. Devido a essa dualidade presente em textos narrativos, o leitor é levado a escolher o tempo todo. Às vezes, o narrador é mais flexível, permitindo ao leitor imaginar a continuação de uma determinada história. No entanto, não se pode deixar de enfatizar que, em muitos casos, os textos acabam por frustrarem o leitor, por ter lhe dado a possibilidade de “escolhas no bosque da narrativa acreditando que algumas delas serão mais razoáveis que outras” (ECO, 1994, p. 14).

Após destacar essas ponderações sobre o leitor no âmbito da produção de textos, Eco (1994) visa conceituar o leitor-modelo. Para ele, o leitor-modelo não pode ser compreendido como um leitor empírico. Este tipo de leitor caracteriza-se em ser a pessoa física que lê o texto. Assim, de acordo com Eco (1994), “os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler” (ECO, 1994, p. 14). Diferentemente desse tipo de leitor, o leitor-modelo nada mais é que o leitor projetado pelo autor no âmbito da produção de uma narrativa, ou seja, trata-se de um leitor virtual e específico, para quem se destina determinado tipo de narrativa. Conforme explicita Eco (1994), o leitor-modelo é “uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar” (ECO, 1994, p. 15).

Para Eco (1994), há textos que sinalizam seu leitor-modelo. Nesse sentido, conforme afirma o autor, “um texto que começa com “Era uma vez” envia um sinal que lhe permite de imediato selecionar seu próprio leitor-modelo, o qual deve ser uma criança ou pelo menos uma pessoa disposta a aceitar algo que extrapola o sensato e o razoável” (ECO, 1994, p. 15). Trata-se de um leitor virtual e muito bem direcionado, uma vez que, em narrativas maravilhosas, por exemplo, como os contos de fadas, o leitor-modelo projetado para esse tipo de obra irá aceitar e compreender toda a configuração desse bosque narrativo, por se tratar de uma história que visa se valer de artifícios que não podem ser explicados à luz da racionalidade. A criança, cujo objetivo é justamente alimentar sua imaginação através dessas narrativas, irá, tranquilamente, atravessar esse tipo de narrativa sem estranhamentos e incredulidade ou jovens que desejam estimular sua imaginação e navegar no devaneio. Além disso, Eco (1994) destaca que há duas maneiras de explorar as narrativas: a primeira diz respeito à pressa de percorrer o bosque narrativo para experimentá-lo com mais rapidez e a segunda refere-se ao fato de transitar pela história com mais cautela, a fim de que se possa “descobrir por que algumas trilhas são mais acessíveis e outras não.” (ECO, 1994, p. 33). Nesse sentido, o autor ainda enfatiza que o texto que permite essas duas possibilidades de experiência é direcionado ao leitor-modelo de primeiro nível, dado ao fato de que esse leitor demonstra um grande interesse por saber com mais rapidez o final da história.

3.3: A apreciação dos clássicos: por que os ler? Calvino (1993)

Segundo Calvino (1993), o clássico pode ter diversas projeções e concepções a depender das escolhas do leitor. Primeiramente, um clássico pode ser compreendido como “um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Olhando para essa direção, um clássico

não se esgota, por mais que um livro possa ter séculos de existência, ele vai se ressignificando a cada época e sociedade. Calvino (1993) afirma também que se trata de livros, cujo interior é constituído por “marcas das leituras que precederam a nossa” [...] e por “traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram” (CALVINO, 1993, p. 11). Nesse sentido, um clássico pode apresentar problemáticas que atravessaram povos, culturas, mas que chamam atenção para questões que ainda perpetuam na sociedade. A título de exemplificação, o autor vale-se da obra *Os possuídos* (1872), de Dostoievski, para afirmar que os personagens se apresentam como atuais, ou seja, não se limitam a refletir somente a sociedade do século XX. Desse modo, percebe-se que questões sociais de séculos remotos ainda se mostram presentes na contemporaneidade.

No que diz respeito à leitura dos clássicos na juventude, Calvino (1993) destaca que os clássicos podem ser pontos de partida para leituras posteriores para esse público. Isso porque

“as leituras da juventude [...] podem ser formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas as coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude” (CALVINO, 1993, p. 10).

O contato com os clássicos na juventude concede ao jovem leitor uma experiência para um futuro retorno ao clássico no âmbito da vida adulta. Nesse sentido, o autor enfatiza que, durante a vida adulta, deveria haver um tempo dedicado ao retorno às leituras que mais impactaram o jovem leitor, dado ao fato de que, caso os livros continuem os mesmos, os leitores certamente estão suscetíveis a mudanças de pontos de vistas, de perspectivas “e o encontro é um acontecimento totalmente novo” (CALVINO, 1993, p. 11). Em outras palavras, no ato de revisitar um clássico já em idade adulta, o leitor olhará o livro com outras perspectivas, devido a mudanças pelas quais o indivíduo passa ao longo da transição entre juventude e vida adulta.

Pensando nessa questão do retorno à obra na vida adulta, Calvino (1993) afirma que os clássicos são aqueles livros que não envelhecem, pois eles se tornam cada vez mais novos e, devido a isso, causam uma sensação de surpresa no leitor. Assim, “os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (CALVINO, 1993, p. 12). Nesse sentido, o leitor, ao revisitar a obra, pode perceber que o livro ainda apresenta questões que precisam de um olhar atento e crítico. Os clássicos podem ainda abordar assuntos inesperados que o leitor não pôde captar enquanto era jovem.

Capítulo 4: A atuação do maravilhoso: denúncia social e manipulação contra a mulher

*Eu penso em As mil e uma noites: falava-se,
narrava-se até o amanhecer para afastar a morte,
para adiar o prazo deste desenlace que deveria
fechar a boca do narrador.*

(Michel Foucault *apud* Livro das mil e uma noites, 2006)

O conceito do maravilhoso não pode ser encarado como aquilo que é belo ou bonito, principalmente, quando se lida com a literatura fantástica e maravilhosa, em que se percebe a predominância de personagens míticos, objetos mágicos, atuação de deuses e construções de espaços em que ações sobrenaturais acontecem. Tendo em vista isso, o conceito do maravilhoso adotado para trabalhar a proposta de análise dos artifícios do maravilhoso no clássico *As mil e uma noites* (2006) é defendido por Le Goff (1994) como aquilo que se remete ao plano do imaginário, ou seja, é mirar / projetar o irreal e o insólito, de modo que atuações sobrenaturais não podem ser absorvidas na realidade e, portanto, não podem ser explicadas à luz da racionalidade. Além disso, o autor afirma que, a depender da sociedade, o maravilhoso pode dispor de determinadas funções, conforme foi possível observar no âmbito da Idade Média (cf. capítulo 3). Levando em consideração todas essas questões, busca-se propor essa leitura do maravilhoso para o público juvenil, a fim de despertar o senso crítico em estudantes do Ensino Médio para a construção de um olhar sensível a problemas sociais, como a violência contra a mulher. Além disso, objetiva-se compreender o modo como os clássicos podem contribuir para o processo formativo desses jovens leitores.

A fim de alcance do determinado objetivo de pesquisa, a análise realizada neste trabalho se debruçará em uma perspectiva qualitativa de cunho sociológico e histórico, uma vez que se busca estabelecer uma análise comparativa entre as quatro narrativas que compõem o *corpus* selecionado, com a finalidade de apresentar os artifícios do maravilhoso para a compreensão da denúncia social, bem como da manipulação contra a figura feminina dentro dessas narrativas. Além disso, objetiva-se propor uma discussão que possibilite apreender a projeção do leitor-modelo no âmbito do texto (ECO, 1994), com o intuito de entender como se dá a experiência de leitura desse leitor com esse clássico universal. Isso porque o leitor-modelo, aqui compreendido como o jovem estudante do Ensino Médio, pode ser envolvido pelas narrativas através dos mecanismos de manipulação e sedução no contato com esse clássico. E, por fim, utiliza-se o livro *As mil e uma noites* (2006) para observar a importância dos clássicos na

formação de jovens leitores e como essas obras podem ser ponto de partida para leituras posteriores, conforme defende Calvino (1993).

Os mecanismos de manipulação e sedução no âmbito das histórias maravilhosas dispõem de uma dupla função: i) envolver o Rei Schariar como uma presa para que a princesa Scherazade possa despistar a morte – uma vez que ele mata toda mulher com quem se casa, após a primeira noite – e ii) atrair o leitor, a fim de induzi-lo a refletir sobre as condições sociais da mulher em uma configuração social marcada por um sistema patriarcal radicalista e misógino, conforme foi possível notar em alguns países do Oriente Médio que se valem da religião para subjugar a mulher em nome da fé, do respeito e da moral (cf. capítulo 2). Essa dupla função também está diretamente associada ao modo de organização dessas narrativas: trata-se de narrativas encaixadas (TODOROV, 2006)², que criam no rei e no leitor o desejo de ter o conhecimento do final das histórias, que sempre vão abrindo possibilidades de continuação para outras narrativas futuras. Vale destacar que, para fins de mecanismos de análise, o gesto de leitura aqui adotado obedecerá a ordem cronológica das narrativas, pois esse tipo de organização interfere no modo como as histórias estruturam-se.

Desde os seus primórdios, o homem busca compreender e explicar, através de mitos e histórias, os fenômenos referentes à vida e à morte, à posição dos indivíduos na configuração social e o modo como operam mecanismos de poder, controle e reprodução (MINAYO, 2009). Devido a essas inquietações pela busca de tais conhecimentos, o homem tende a construir histórias, valer-se de artifícios do maravilhoso, como a criação de criaturas sobrenaturais, objetos mágicos, metamorfoses, descrição de espaços em que atuações sobrenaturais acontecem. Todos esses elementos fazem parte da construção das narrativas da obra *As mil e uma noites* (2006). É possível notar que as histórias, marcadas pelo tom de ironia, sarcasmo e sátira, apresentam a atuação do maravilhoso para evidenciar o comportamento do homem e da mulher em uma organização social caracterizada pelo autoritarismo da figura masculina. Assim, as narrativas objetivam mostrar os recursos de que a raça humana se vale para explicar as necessidades básicas do homem, bem como denunciar todas as problemáticas que interferem na harmonia do mundo (COELHO, 2003).

Para a compreensão do desenvolvimento dessas narrativas, recorre-se à definição de narrativa performativa (RIESSAMAN, 2003). Segundo a autora, a narrativa performativa

² Segundo Todorov (2009), “a narrativa encaixante é a narrativa de uma narrativa. Contando com a história de uma outra narrativa, a primeira atinge seu tema essencial e, ao mesmo tempo, se reflete nessa imagem de si mesma; a narrativa encaixada é ao mesmo tempo a imagem dessa grande narrativa abstrata da qual todas as outras são apenas partes ínfimas, e também da narrativa encaixante, que a precede diretamente.” (TODOROV, 2009, p. 126).

caracteriza-se pela narração de histórias a partir de uma performance em que um “eu”, constituído de uma certa bagagem de conhecimento, assume a posição de quem fala, com o objetivo de envolver, persuadir e seduzir o público. No primeiro volume da coletânea de *As mil e uma noites* (2006), todas as narrativas podem ser consideradas narrativas performativas, uma vez que todas as noites Scherazade conta uma história, mas o que marca o início dessa trama é a narrativa central. Essa narrativa central é formada por três capítulos *Em nome de Deus, o Misericordioso, o Misericordioso em quem está a minha fé; O gênio e a jovem sequestrada e O burro, o boi, o mercador e sua esposa*, bem como é responsável por apresentar os personagens e por possibilitar que a princesa inicia sua estratégia para assumir a função de contadora de histórias para transmiti-las ao rei Schariar e à sua irmã Dinarzade, como também ao leitor, com a finalidade de persuadir e aprisionar tais figuras que são compreendidas como o público.³ A princesa, instruída de conhecimento, sabedoria, educação e destreza, sempre pede autorização ao rei para continuar a contação das histórias. Dessa forma, ela consegue começar o seu plano de manipulação e persuasão, sem que o Rei perceba tal conduta. Além disso, toda a sua estratégia para controlar o sultão foi milimetricamente articulada com sua irmã. Podem-se observar todas essas questões no seguinte trecho:

“Então Scherazade, muitíssimo contente, arrumou-se e ajeitou as coisas de que precisaria. Foi até à irmã mais nova, Dinarzade, e lhe disse: “Minha irmãzinha, preste bem atenção no que vou lhe recomendar: assim que eu subir até o rei, vou mandar chamá-la. Você subirá e, quando vir que o rei já se satisfaz em mim, diga-me: “Ó irmãzinha, se você não estiver dormindo, conte-me uma historinha”. Então contarei a vocês histórias que serão o motivo da minha salvação e da liberdade de toda esta nação, pois farão o rei abandonar o costume de matar suas mulheres.” [...] Scherazade disse ao rei, Schariar: “Com a sua permissão eu contarei [as histórias]”. Ele respondeu: “Permissão concedida”. Scherazade ficou contente e disse: “Ouça.”” (LIVRO DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 47-48)

Antes de a princesa Scherazade iniciar suas histórias para se livrar da morte e salvar as jovens do reino, destacam-se duas narrativas em que a atuação do maravilhoso merece atenção. A primeira recebe o título *O gênio e a jovem sequestrada*, na qual é possível notar a primeira atuação do maravilhoso, que denuncia o modo como o homem exerce seu poder sobre a mulher, para que ela sempre venha estar sob seu jugo. Isso é perceptível no excerto abaixo:

⁴“Ali começaram [o rei Schariar e seu irmão Schazaman] a discutir sobre suas respectivas desdidas e o que lhes sucedera. Enquanto estavam nisso, eis que um grito,

³ A princesa busca convencer o pai, o vizir – uma espécie de braço direito do rei –, a permitir que ela se case com o rei, já que se diz ser capaz o suficiente para salvar todas as moças. As habilidades de Scherazade podem ser apreciadas no seguinte trecho: “o vizir encarregado de matar as moças tinha uma filha chamada, Scherazade, mais velha, e outra chamada Dinarzade, mais nova, Scherazade, a mais velha tinha lido livros de compilações, de sabedoria e de medicina; decorara poesias e consultara as crônicas históricas; conhecia tanto os dizeres de toda gente como as palavras dos sábios e dos reis. Conhecidora das coisas, inteligente, sábia e cultivada, tinha lido e entendido.” (LIVRO DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 41).

⁴ Demonstrações de melancolia entre os irmãos devido à traição de suas respectivas esposas.

um brado violentíssimo, saiu do meio do mar. Tremendo de medo, eles supuseram que os céus se fechavam sobre a terra. Então o mar se fendeu, dele saindo uma coluna negra que não parava de crescer até que alcançou o topo do céu. Tamanho foi o medo dos dois irmãos que eles fugiram e subiram numa árvore gigante na qual se instalaram, ocultando-se entre suas folhagens. Dali, espicharam o olhar para a coluna negra que, flanando pela água, fazia o mar fender-se e avançava em direção àquele prado verdejante. Assim que botou os pés na terra, ambos puderam vê-lo bem: tratava-se de um *ifrit*⁵ preto, que carregava à cabeça um grande baú de vidro com quatro cadeados de aço. [...] Depois de se sentar debaixo da árvore, ele depositou o baú no solo, sacou quatro chaves com as quais abriu os cadeados e dali retirou uma mulher de compleição perfeita, bela jovem de membros gentis, um doce sorriso no rosto de lua cheia. Retirou-a do baú, colocou-a debaixo da árvore, contemplou-a e disse: “Ó senhora de todas as mulheres livres, a quem sequestrei na noite de seu casamento, eu gostaria agora de dormir um pouco”. Ato contínuo, o *ifrit* depositou a cabeça no colo da jovem.” (LIVROS DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 39)

Conforme destaca Le Goff (1994), o maravilhoso, além de exercer seduções no âmbito das sociedades por meio de suas funções, não pode ser explicado à luz da racionalidade. No trecho acima, percebe-se a atuação do sobrenatural na obra através do surgimento da criatura diabólica, o *ifrit* – também conhecido como gênio. Nota-se que a função desse ser sobre-humano é justamente seduzir os homens, a fim de lhes causar espanto e medo, dado ao fato de que uma das principais finalidades dos artifícios do maravilhoso é distorcer a realidade humana, ou seja, interferir na regularidade do cotidiano das pessoas. Outra leitura possível se destaca no trecho acima: o gênio pode representar a figura masculina que subjuga a mulher. Essa interpretação é possível devido ao modo como ele trata a jovem, como se ela fosse seu objeto e, por isso, ele acredita que pode controlá-la da forma que desejar. Essa prática de controle social sobre as mulheres é notória no âmbito de alguns países do Oriente que seguem a religião islâmica (cf. capítulo 2). Isso tudo permite compreender que a literatura buscou registrar e problematizar as condições sociais às quais a maior parte das mulheres está confinada, bem como mostrar que se trata de costumes opressores que atravessam séculos e sociedades. Pode-se, portanto, perceber que o maravilhoso se apresenta nessa obra com a finalidade de escancarar todos os tipos de violências contra a mulher, práticas comuns encontradas em alguns desses países nos quais essas narrativas nasceram através da tradição oral.

Ainda nesse mesmo capítulo, a jovem sequestrada demonstra um claro desejo de se vingar da criatura sobre-humana, o que é uma questão que merece atenção. Esse ato vingativo se manifesta no trecho a seguir:

“Ela [a jovem] disse: “É absolutamente imperioso que vocês [os irmãos reis] desçam. Se acaso não o fizerem, eu acordarei o *ifrit* e lhe pedirei que os mate”, e continuou fazendo-lhes sinais e insistindo até que eles desceram lentamente da árvore,

⁵ O termo *ifrit* refere-se ao gênio, uma criatura diabólica, maligna e sobre-humana pertencente à mitologia árabe. Segundo Damien (2017), “esse ser negro e gigantesco que amedronta os dois reis irmãos no texto ficcional é [...] parte integrante dos mitos e do sistema de crenças do mundo árabo-islâmico, tendo diversas ocorrências no *Alcorão*.” (DAMIEN, 2017, p. 136).

colocando-se afinal diante dela, que se deitou de costas, ergueu as pernas e disse: “Vamos, comecem a copular e me satisfaçam, senão eu vou acordar o *ifrit* para que ele mate vocês”. [...] A jovem respondeu: “É absolutamente imperioso”, e insistiu e jurou: “Por Deus que ergueu os céus, se vocês não fizerem o que estou mandando, eu acordarei meu marido *ifrit* e mandarei que mate vocês e os afunde nesse mar”. E tanto insistiu que eles não tiveram como divergir: ambos copularam com ela, primeiro o mais velho, e em seguida o mais jovem. Quando terminaram e saíram de cima dela, a jovem disse: “Deem-me seus anéis”, e puxou, do meio de suas roupas, um pequeno saco. [...] “Todos os donos desses anéis me possuíram, e de cada um eu tomei o anel. E como vocês também me possuíram, deem-me seus anéis para que eu os junte a estes outros e complete cem anéis; assim, cem homens terão me descoberto bem no meio dos cornos desse *ifrit* nojento e chifrudo, que me prendeu nesse baú, me trancou com quatro cadeados e me fez morar no meio desse mar agitado e de ondas revoltas, **pretendendo que eu fosse, ao mesmo tempo, uma mulher liberta e vigiada**. Mas ele não sabe que o destino não pode ser evitado nem nada pode impedi-lo, nem que, quando a mulher deseja alguma coisa, ninguém pode impedi-la. [...] **Esse aí é um gênio que sequestrou a jovem na noite de seu noivado, e a trancafiou num baú de vidro com quatro cadeados, e a fez morar no meio do mar alegando que assim a preservaria do juízo e decreto divinos.**” (LIVROS DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 39-40. Grifos nossos.)

Segundo Coelho (2003), no âmbito do século XVIII, o maravilhoso ganhou notoriedade em obras literárias, como em contos, apólogos, com fins de trazer um aspecto moralizante aos leitores, por meio de um viés de ensinamento, principalmente, para jovens moças, orientando-as no que diz respeito ao seu comportamento para não serem denegridas pela sociedade. No entanto, o objetivo da obra *As mil e uma noites* (2006) ia na contramão dessa valorização da moral, pois o clássico não tinha como intuito prescrever regras de boas condutas, mas sua função era justamente de denúncia, com a finalidade de mostrar abertamente os problemas sociais que atravessavam as sociedades da Síria, Egito, Índia e Pérsia, como as diversas violências, imposições e controles contra a figura feminina. Isso se encontra evidente no trecho acima, por meio das atitudes da jovem sequestrada, que busca se vingar de seu sequestrador o traindo com cem homens. Tal ação considerada “amoral” desafiava o moralismo do século XVIII e configurava-se como uma espécie de crítica a ele, dado ao seu caráter de impor ensinamentos à mulher, para que ela não fosse criticada pela sociedade. Por meio do excerto acima, nota-se que o princípio da moral não é, portanto, uma característica circunscrita dentro das narrativas de *As mil e uma noites* (2006).

Além de contradizer os considerados “bons costumes” através da vingança realizada pela jovem, o aspecto denunciativo referente ao modo como a figura feminina era dominada, manipulada e subjugada pelo homem também se sustenta por meio das escolhas linguísticas da moça sequestrada, como o uso dos vocabulários “cornos”, “*ifrit* nojento” e “chifrudo”, o que evidencia sua repulsa em relação a esse ser sobrenatural – interpretado como o homem – que a torna prisioneira. Ao final do excerto exposto acima, mais precisamente nos trechos grifados, percebe-se um paradoxo entre as palavras do *ifrit* e sua prática autoritária, uma vez que ele

afirma que sequestrou a jovem para salvá-la de ações divinas, mas, ao mesmo tempo, se contradiz, pois tira a liberdade dela. Essa dominação transfigurada em uma “boa atitude” por parte dele só evidencia que tal conduta torna-se uma justificativa para a prática de submissão à qual a mulher está confinada. Isso marca notoriamente uma sociedade autoritária, que a isenta de sua liberdade.

A segunda narrativa, cujo título é *O burro, o boi, o mercador e sua esposa*, também se destaca pela atuação do maravilhoso, como também é contada pelo vizir, pai de Scherazade. Nesta história, o mercador dispõe de uma habilidade mágica: ele pode entender a língua dos bichos, no entanto, se tal segredo for descoberto, sua morte acontecerá. Sua esposa manifesta curiosidade de saber esse segredo. E, para se livrar de seu fim trágico, o mercador se vê influenciado pela conversa de seus bichos. Pode-se observar isso nos seguintes trechos:

“Então o mercador ouviu o galo respondendo o seguinte: “Seu maluco, seu bufão! Que tenho eu com o fato de nosso patrão [mercador] ser desajuizado, apesar de suas alegações em contrário? Ele tem uma só esposa e não consegue cuidar dela”. Perguntou o cachorro: “E o que ele deveria fazer com ela?”. Respondeu o galo: “Ele deveria pegar uma boa vara de carvalho, entrar com ela no depósito, fechar a porta e dar-lhe uma sova, espancá-la para valer, com a vara, a tal ponto que as mãos e os pés dela se quebrem e ela grite: ‘Não quero mais revelação nenhuma nem explicação’; tal surra deverá valer para o resto da vida, a fim de que ela nunca mais o contradiga em nada. Se ele agir assim com ela, viverá sossegado e se acabará o luto; no entanto, ele não sabe cuidar direito das coisas”.

[*Prosseguiu o vizir:*] Então, minha filha, Scherazade, quando o mercador ouviu a conversa entre o cachorro e o galo, levantou-se rapidamente, tomou uma vara de carvalho, fez a mulher entrar no depósito, entrou atrás, trancou-se com ela e passou a espanca-la nas costelas e nos ombros, não parando nem mesmo quando ela se pôs a gritar “Não! Não! Eu nunca mais vou perguntar nada! Me deixe! Me deixe! Eu nunca mais vou perguntar nada!”. Só interrompeu a surra quando se cansou.” (LIVRO DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 46-47)

A título de comparação com o capítulo *O gênio e a jovem sequestrada*, percebe-se que, em ambas narrativas, a função do maravilhoso objetiva denunciar o autoritarismo e a violência contra a mulher. Ou seja, a atuação do sobrenatural problematiza de forma explícita as condições sociais da mulher no Oriente. Nota-se que ela está sob o domínio de seu marido e, assim, não pode questioná-lo sobre nada, pois haverá consequências para ela. Dessa forma, as narrativas de *As mil e uma noites* (2006) buscam atingir seu propósito de apresentar explicitamente qualquer tipo de violência contra a figura feminina. Em situações como essas, ela não tem a mínima oportunidade de se defender das barbaridades praticadas pela autoridade masculina. Tais práticas agressivas são predominantes em países do Oriente que seguem leis pautadas no islamismo. Nesse sentido, uma das características marcantes desses lugares é a violência física contra a mulher, pois o homem precisa sustentar a ideia macabra de que, para ele ser respeitado e ser detentor do poder, é necessário o domínio sobre a mulher e esse controle,

muitas vezes, é manifestado por meio da agressão, espancamento, conforme foi possível observar no excerto acima. À medida que as histórias vão avançando na obra, a violência contra a mulher é mais significativa e o nível de tortura é pior.

Dando sequência à análise acerca das histórias contadas por Scherazade e comparando-as com as narrativas anteriores, no capítulo *O carregador e as três jovens*, a atuação do maravilhoso causa espanto aos homens e denuncia a tortura contra a mulher. Três jovens receberam, em sua casa, um carregador, três dervixes, um rei e seu vizir. Elas precisavam pagar umas dívidas e faziam isso diante desses homens, o que os deixou espantados. Para o pagamento de uma dessas dívidas, uma das jovens assumiu a função de tocar um instrumento de cordas e recitar ora um poema, ora uma canção. Ao fazer isso, ela é extremamente torturada por um ser invisível, conforme se nota no excerto abaixo:

“Quando terminou a recitação da compradeira, a jovem porteira soltou um berro estrondoso e gemeu dizendo “ai ai ai”. Depois, colocou a mão na gola e rasgou as roupas até embaixo, deixando todo o corpo à mostra, e virou-se desfalecida. Olhando para ela, o califa [o rei] notou que ela fora surrada com vergasta da cabeça aos pés, a tal ponto que seu corpo estava azulado e enegrecido. Quando todo o grupo viu aquilo, seus pensamentos se encheram de desgosto, sem que ninguém soubesse da história nem dos motivos daquilo.” (LIVRO DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 120)

De acordo com as ponderações levantadas por Le Goff (1994), o maravilhoso busca ser um contrapeso para a banalidade do cotidiano e esse contrapeso manifesta-se de diferentes maneiras a depender da sociedade. Em uma construção social marcada pelo autoritarismo masculino, o maravilhoso pode se revelar com a finalidade de denunciar violências contra a mulher e é justamente isso que ocorre em *As mil e uma noites* (2006); por meio do espanto do homem (o grupo que assiste à cena em que a jovem é chicoteada), percebe-se o efeito de ações dos sobrenaturais, mas não é possível explicá-las por meio da razão, conforme salienta Le Goff (1994). Através do detalhamento dessas ações, observa-se a necessidade de denunciar a quase execução da jovem, para causar esse espanto, horror e aversão no ser humano em relação à cena em que a mulher é tratada com tal brutalidade. Em toda a extensão dessas narrativas em que se manifestam artifícios do maravilhoso, nota-se que, em nenhum momento, as mulheres, alvos das práticas covardes dos homens, têm amparo médico, familiar e jurídico. Conforme se expôs no âmbito do capítulo 2, as mulheres que vivem em países do Oriente que ainda se valem desse tipo de conduta opressora não são encaradas como seres humanos, mas, sim, como objetos e máquinas que devem obediência a seus esposos e, caso cometam o ato de traição, graves consequências podem tirar suas vidas.

Ainda no âmbito desse capítulo, observam-se as aflições da jovem e seu assujeitamento ao homem para o qual ela deve pagar a dívida. Isso é perceptível no trecho a seguir:

“Até quando essa resistência e segura?
 Será que não bastam as lágrimas que já verti?
 Você prolonga meu abandono de propósito.
 Se foi um invejoso que afastou você de mim, já se satisfiz.
 Vele por mim, pois sua segura já me faz mal.
 Ó meu dono, já não é hora de ter pena?
 Ó senhores, vinguem-se por um cativo de amor
 que se habitou à insônia e cuja paciência se esgotou.
 Conforme a lei do amor, é lícito que eu
 fique sozinho e outro se farte com gozo do amor?
 Quanto ao meu amo, deixa que me injustice e agrida.
 Ai, por quanto passei e quanto ainda irei passar?” (LIVRO DAS MIL E UMA
 NOITES, 2006, p. 121-122)

No poema, verifica-se que a mulher se põe em uma posição de inferioridade devido à manipulação do homem, mas mesmo assim ela questiona até quando irá esse sofrimento. Por causa do assujeitamento à figura masculina, a mulher naturaliza essa prática de subjugo à qual ela está confinada, achando que, por ter “desobedecido sua ordem”, ela é merecedora desse sofrimento. Em capítulos posteriores, essa dívida é explicada, pois seu esposo havia imposto ordens de que ela não poderia se comunicar com nenhum homem além dele. No entanto,⁶a narrativa mostra que ela foi mordida por um vendedor de tecidos e seu marido encara isso como traição. Mesmo ela isenta de qualquer culpa, seu companheiro a condena à quase morte.

Conforme avançam as narrativas, a condição social da mulher piora e os artifícios do maravilhoso (LE GOFF, 1994) põe isso em cena. Na última narrativa, cujo título é *O segundo dervixe*, que compõe o *corpus* deste trabalho, o sobrenatural é devidamente marcado pela crueldade do homem. O segundo dervixe da narrativa anterior conhece uma jovem moça, que se encanta por ele. No entanto, ela é prisioneira de um *ifrit*, dado ao fato de que essa criatura sobre-humana a sequestrou na noite de seu noivado. O *ifrit* descobre que foi traído e, devido a isso, começa a insultá-la e a tortura-la:

“O *ifrit* disse: “Você está mentindo, sua puta!” [...] “Você por acaso está pensando em usar astúcia para me enganar, sua iníqua?”, e, puxando-a, arrancou-lhe as roupas e amarrou os membros em quatro estacas, passando então a torturá-la para obter a confissão [da traição].” (LIVRO DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 139)

“Depois de toda essa surra ainda se recusa a confessar?” (LIVRO DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 141).

“E, pegando da espada, [o *ifrit*] golpeou a mulher, fazendo sua mão sair voando do braço; depois, golpeou e fez voar a outra mão.” [...] “O *ifrit* disse: “Este é o castigo de quem trai”, e voltando-se para mim [o dervixe], continuou: “Conforme a nossa lei,

⁶ Isso pode ser interpretado como uma cena de estupro, em que o vendedor morde a face da jovem e ela cai ao chão, coberta de sangue.

ó humano, quando a esposa trai, ela deixa de ser lícita para nós, e a matamos sem hesitar. [...] Por outro lado, não tenho certeza de que foi você quem praticou a traição com ela. Mas não irei deixá-lo impune; pode escolher a forma na qual irei enfeitá-lo: cachorro, asno ou leão? Besta ou ave?” (LIVRO DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 142-143)

A título de comparação com as narrativas anteriores, os artifícios do maravilhoso (Le Goff, 1994) presentes nessas histórias evidenciam a falta de sensibilidade com a vida da mulher e quanto mais se percorre esses excertos, mais é possível identificar um avanço cruel nas atitudes dos homens, representados pela criatura demoníaca – o *ifrit*. Já que o maravilhoso tem a função de denunciar uma determinada situação, realidade ou sociedade (LE GOFF, 1994), percebe-se, ao longo dessas histórias, que a figura do homem é demonizada pelo gênio, como forma de sustentar que suas ações são tiranas e agressivas, o que também reafirma o aspecto denunciativo do próprio maravilhoso. Neste último excerto, a mulher tem uma morte lenta e dolorosa. Sua morte é uma maneira de reforçar a posição do *ifrit* de ser detentor do poder, dado ao fato de que ele não pode ser contrariado e traído. No entanto, o gênio não mata o dervixe e ainda se vale de justificativas para o manter vivo, aplicando-lhe apenas uma advertência que não põe em risco sua vida. Isso só evidencia a maneira como o homem enxerga a mulher socialmente, como uma figura que o deve obediência, como se ele fosse seu dono; ela é compreendida como um ser humano frágil que não pode o refutar por meio da força. Ao longo dessas narrativas, as mulheres são silenciadas, no entanto, cada uma perde sua voz através de diferentes atitudes do homem.

Tendo em vista todas essas questões pontuadas ao longo das análises, nota-se que essas histórias fisgaram tanto o rei – que permitiu a princesa continuar viva para a contação das demais histórias – quanto o leitor que é levado a navegar por todas essas narrativas. Nesse sentido, o estudante do Ensino Médio, aqui compreendido como o leitor-modelo (ECO, 1994), pode ser o leitor específico para quem a obra *As mil e uma noites* (2006) pode ser direcionada, dado ao fato de que, conforme salienta Eco (2006), em histórias nas quais são vistas atuações do maravilhoso, esse leitor mostra-se disposto “a aceitar algo que extrapola o sensato e o razoável” (ECO, 1994, p. 15). Essas narrativas, devido ao modo como se apresentam os artifícios do maravilhoso, podem despertar o senso crítico para a problematização de questões sociais sensíveis, como também estimulam e alimentam o imaginário do leitor (LE GOFF, 1994; PETIT, 2009). Outro aspecto que envolve o leitor-modelo nessas narrativas diz respeito ao modo como elas se organizam, uma história encaixa-se na outra (TODOROV, 2006), de modo a formar um fio condutor para que se possa compreendê-las. Além disso, Scherazade instiga tanto o rei quanto o leitor a ter curiosidade sobre as outras histórias, afirmando que haverá outras narrativas mais espantosas e macabras do que a que ela está contando. Quando

uma determinada história atinge seu ápice, a princesa para a contação justamente no momento mais curioso, o que se configura com outra estratégia que estimula o leitor a querer o conhecimento do desfecho da narrativa:

“E a aurora alcançou, Scherazade, que parou de falar. Dinarzade lhe disse: “Como é espantosa e insólita a sua história, maninha”, e ela respondeu: **“Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se eu viver e o rei me preservar”**. (LIVRO DAS MIL E UMA NOITES, 2006, p. 180. Grifos nossos.)

O leitor-modelo para quem é destinado esse clássico, aqui compreendido como o jovem estudante do Ensino Médio, no âmbito da experiência com essa obra, pode percorrer esse bosque narrativo com pressa, devido a ansiedade que o impulsiona a querer saber o final de cada história. Assim, conforme destaca Eco (1994), esse leitor-modelo caracteriza-se em ser um leitor de primeiro nível, dado ao fato de que ele explora essas narrativas com mais rapidez. Devido à configuração das narrativas, conforme já foi possível visualizar no presente capítulo deste trabalho, o clássico *As mil e uma noites* (2006) projeta seu leitor virtual, que é capaz de explorar o mundo fantástico dessas narrativas, que se valem desses artifícios do maravilhoso para alimentar a imaginação desse leitor e permitir-lhe navegar em seus devaneios. Além disso, o contato com essa obra possibilita ao leitor construir um senso crítico em relação às condições sociais desumanas relativas à mulher. Portanto, esse contato com o clássico, permite ao leitor compreender o modo como esse fabulário oriental apresenta histórias que podem representar o homem, a mulher e suas vivências em sociedades de várias nações e povos. Assim, segundo Calvino (2010):

“E penso que seja isto: as fábulas são verdadeiras. [...] São, tomadas em conjunto, em sua sempre repetida e variada casuística de vivências humanas, uma explicação geral da vida, nascida em tempos remotos e alimentadas pela lenta ruminação das consciências camponesas até nossos dias.” (CALVINO, 2010, p. 10)

Ao discutir acerca da leitura literária de clássico, não é possível tratar desse tipo de leitura sem antes compreender as dimensões e especificidades do conceito de leitura literária. Tendo em vista isso, adota-se, para o referido conceito, a definição proposta por Amorim; Domingues; Klayn; Silva (2022), que afirmam que leitura literária é concebida

“como aquela em que, diante de texto (social, política, cultural e historicamente situado), o leitor (igualmente situado) consegue reconstruir elementos que abrangem as dimensões cognitivas, ética e, também, estética de sua existência em sociedade. Vale destacar que essas dimensões são construídas de forma contextualizada, de modo que relações de poder macro e microssociais interferem em cada uma delas. Em outras palavras, a leitura literária decorre, assim, como outros tipos de leitura, de uma integração sócio e historicamente situada, mas tem como diferencial o alcance da dimensão estética na pessoa.” (AMORIM; DOMINGUES; KLAYN; SILVA, 2022, p. 73)

Conforme apresentam os autores, o jovem leitor durante o contato com o texto estará experienciando uma série de possibilidades que o permite realizar a leitura de si e do mundo enquanto um cidadão inscrito em uma dada sociedade. Por meio desse contato com o clássico *As mil e uma noites* (2006), esse leitor terá acesso a um conhecimento sobre um contexto sócio-histórico marcado pela violência contra a mulher, por meio de manipulações que ora se manifestam por meio do discurso, ora através da agressão. Essa obra lhe permitirá compreender que o autoritarismo masculino se materializa em práticas agressivas e opressoras que silenciam as mulheres e as controlam em nível psicológico, social e cultural. Além desse exercício de reflexão da própria obra, esse clássico pode induzir ao estudante a pensar no diálogo que é possível de estabelecer entre as diversas violências contra a mulher no decorrer das históricas e as práticas de dominação e agressão contra meninas e jovens que se encontram em vulnerabilidade social, como moradoras de comunidades carentes brasileiras. Com base nisso, é possível promover um exercício de análise comparativa entre o referido clássico e obras contemporâneas que denunciam as variadas formas de violência contra a mulher na sociedade brasileira; obras como *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Maria Carolina de Jesus; *Olhos d'água* (2016), de Conceição Evaristo e *Água de Barrela* (2018), de Eliane Alves Cruz.

Com base em todas essas ponderações, percebe-se a importância dos clássicos para a formação do jovem leitor, como também é necessário que eles sejam lidos como ponto de partida para experiências de leitura posteriores (CALVINO, 1993). Para o autor, um clássico não se esgota, ou seja, nunca termina o que tem para dizer. A obra *As mil e uma noites* (2006) é um clássico que foi reunido em fins do século XV e já denunciava o comportamento do homem e suas atitudes no âmbito da sociedade. Ou seja, o livro pode ter séculos de existência, mas se ressignifica a cada momento e sociedade. Atualmente, em alguns países do Oriente Médio, as condições sociais das mulheres não são tão diferentes das formas de tratamento das mulheres na obra. O clássico também permite ao leitor compreender que a violência contra a mulher não se limita ao Oriente, mas se concretiza em várias nações e povos.

Calvino (1993) defende que a leitura dos clássicos durante a juventude é essencial. Isso porque “as leituras da juventude podem ser formativas no sentido de que dão forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores” (CALVINO, 1993, p. 10), o que significa compreender que a leitura do clássico possibilita um primeiro contato com a obra, a fim de que possa preparar o leitor para o retorno a esse livro. Dessa forma, quando o retorno acontecer na fase adulta, a

releitura da obra não será a mesma, pois, entre a juventude e a fase adulta, o indivíduo passa por diversas mudanças, o que irá lhe permitir olhar para a obra clássica *As mil e uma noites* (2006) com um outro olhar. Na perspectiva da psicanálise, essa questão sobre a experiência de leitura durante a transição entre a juventude e a vida adulta é devidamente pontuada por Bettelheim (1977) acerca dos contos de fadas. Suas ponderações podem ser utilizadas para a compreensão do contato do leitor com referido clássico em diferentes fases de sua vida:

“Todos os bons contos de fadas têm significados em muitos níveis; só a criança pode saber quais significados são importantes para ela no momento. À medida que cresce, a criança descobre novos aspectos desses contos bem conhecidos, e isso lhe dá a convicção de que realmente amadureceu em compreensão, já que a mesma história agora revela tantas coisas novas para ela.” (BETTELHEIM, 1997, p. 07)

Cabe aqui destacar que a finalidade da proposta de análise dos artifícios do maravilhoso no clássico *As mil e uma noites* (2006) não incidia em um viés de ensinamento limitado de análise. Muito pelo contrário, a intenção era justamente abrir possíveis caminhos de leitura para a obra no sentido de contribuir para o processo formativo de jovens leitores do Ensino Médio, para que eles possam explorar novos gestos de leitura e, assim, expandir seu conhecimento de mundo. Além disso, buscou-se propor um exercício de reflexão sobre a condição social das mulheres no Oriente e como a realidade delas não está muito distante das situações em que as mulheres no Ocidente se encontram. Objetivou-se também sugerir obras contemporâneas brasileiras que pudessem dialogar com o referido clássico universal, bem como levantar a discussão sobre a necessidade de que as obras clássicas também podem ser trabalhadas em sala de aula.

Considerações finais

Segundo Le Goff (1994), o maravilhoso não pode ser explicado por meio da razão, como também tem como finalidade intervir no cotidiano do homem, para lhe causar espanto e quebrar a regularidade desse cotidiano. Na obra *As mil e uma noites* (2006), a atuação do maravilhoso apresenta todas essas questões, para denunciar e, portanto, expor a dominação e a violência contra a mulher em uma sociedade marcada pelo autoritarismo da figura masculina. Percebe-se que esse aspecto denunciativo se manifesta de maneira explícita, a partir da figura demoníaca, o *ifrit*, que representa o homem. Assim, a obra é carregada de sátira, ironia e sarcasmo, com a finalidade de colocar em pauta problemáticas que ocorriam em alguns países do Oriente.

Tendo em vista isso, buscou-se levantar a discussão sobre o fato de que a obra *As mil e uma noites* pode ser uma sugestão de leitura atrativa para alunos do Ensino Médio. Isso porque estudantes desse segmento de ensino estão aptos a discussões referentes às violências contra a mulher, como também esses alunos são compreendidos, no presente trabalho, como o leitor-modelo, visto que esses jovens podem ser o leitor específico para quem é destinado o clássico. Isso porque esse leitor-modelo, para alimentar seu imaginário e mergulhar nos seus devaneios (LE GOFF, 1994; PETIT, 2009), tende a aceitar aquilo que extrapola o que é real (ECO, 1994), sem apresentar estranhamentos. Assim, esse jovem pode ser entendido como o leitor de primeiro nível, porque, na obra *As mil e uma noites* (2006), Scherazade tem como finalidade envolver tanto o rei – como uma estratégia para conseguir despistar a morte – quanto o leitor como presas, para que ambos possam navegar por esses bosques narrativos, com curiosidade para saber o desfecho de cada história, que parece não ter um fim. Para isso, a princesa se vale da astúcia de interromper a contação da história quando a narrativa atinge o seu ápice, bem como seduz tanto o rei quanto o leitor ao dizer que a próxima história é mais macabra, insólita e espantosa. Outra característica da obra que também chama atenção diz respeito ao modo como se organizam as narrativas. Trata-se de narrativas encaixadas (TODOROV, 2006) que instigam o leitor a uma prática de leitura voraz, pois se encontra preso na leitura para saciar sua vontade de saber o final de cada história.

Como a finalidade do presente trabalho era propor uma leitura do maravilhoso para o Ensino Médio utilizando um clássico universal, objetivou-se também se valer da obra para refletir sobre a importância dos clássicos para a formação de jovens leitores (CALVINO, 1993). De acordo com o autor, os clássicos são livros essenciais que trazem problemas sociais que atravessam tempo e sociedade. Assim, essas obras não se esgotam, ou seja, nunca terminam o que têm para dizer, dado ao fato de que elas sempre se ressignificam em cada sociedade e

momento. Nesse sentido, a obra *As mil e uma noites* (2006), por mais seja oriunda de tempos remotos, ainda ressignifica-se, pois induz o jovem leitor a refletir sobre as condições sociais limitadas de mulheres em países como o Afeganistão, a Arábia Saudita, Barein, Catar, Emirados Árabes Unidos, o Iêmen, o Irã, o Iraque, Israel, a Jordânia, Kuwait, o Líbano, Omã, a Síria, a Turquia e a Palestina. Apesar de a configuração do autoritarismo do homem se manifestar de diferentes maneiras nesses territórios, os controles sociais sobre a figura feminina existem. A intenção também era induzir o jovem leitor do Ensino Médio a refletir que, no Ocidente, a realidade de muitas mulheres carece também de atenção, como no Brasil, em que muitas mulheres se encontram em situação de vulnerabilidade social, visto que são alvo de seus parceiros e, em diversos casos, elas não têm amparo jurídico, psicológico e médico.

Além disso, segundo Calvino (1993), o clássico é uma obra que pode se constituir como ponto de partida para leituras futuras, porque o leitor, na transição entre a juventude a fase adulta, passa por diversas mudanças que podem alterar sua visão em relação ao livro lido enquanto era jovem. Dessa forma, o leitor, ao ter contato com a obra *As mil e uma noites* (2006) na juventude, pode ler a partir de uma perspectiva; mas, ao revisitar o livro com um outro olhar mais maduro, as histórias podem revelar novas possibilidades para ele nessa fase, dado ao fato de que um clássico sempre se ressignifica.

Referências bibliográficas

- AMORIM, Marcel Alvaro de; DOMINGUES, Diego; KLAYN, Débora Ventura; SILVA, Tiago Cavalcante da. **Literatura na escola**. São Paulo: Contexto, 2022.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- BOTELHO, Octavio da Cunha. **A discriminação das mulheres pelas religiões: um estudo sobre a magnitude da culpa religiosa**. São Paulo: AgBookBr, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 06 nov. 2023.
- CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos? In: CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9-16.
- CALVINO, Italo. Introdução. In: CALVINO, Italo. **Fábulas Italianas**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010. p. 05-31.
- COELHO, Nelly Novaes. **Os Contos de Fadas: símbolos, mitos e arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.
- CRUZ, Elaine Alves. **Água de Barrela**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- CUETO, José Carlos. Copa do Mundo 2022: como é o sistema de tutela masculina sobre as mulheres do Catar. **BBB NEWS BRASIL**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63755964>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- DAMIEN, Christiane. **O sobrenatural e o mágico nas mil e uma noites**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Os possuídos**. São Paulo: Martin Claret, 1872.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ESPINOLA, Claudia Voigt. A mulher no Islã: Direitos Humanos, violência e gênero. In: **X Jornadas sobre Alternativas Religiosas – sociedade y religion en el Tercer Milenio**, Buenos Aires. Cd – room, 2000.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FIORILLO, Marília. Estupros impunes no Paquistão são consequências do autoritarismo. **Jornal da USP**, 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/democracia-e-o-menos-nefasto-entre-todos-os-regimes/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

GARCIA, Tânia Azevedo. **A condição da mulher no Oriente Médio**: uma análise de filmes sob a perspectiva da análise existencial e da antropologia. 54f. Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial. Minas Gerais: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

HAJJAMI, Aicha. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. **Cad. Pagu [online]**, 2008, n. 30, p. 107-120.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

LACERDA, Allana de Freitas; LUSTOSA, Francisca Geny. Educação e direitos humanos para mulheres muçulmanas. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 13, n. 25, p. 207-232, 2017.

Livro das mil e uma noites, volume I: ramo sírio. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. 3ª edição. São Paulo: Globo, 2006.

LE GOFF, Jacques. O Maravilhoso no Ocidente Medieval. In: LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Portugal: Editora Estampa, 1994. p. 45-65.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. (Organizadores). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Morte de mulher presa por não usar véu gera revolta popular no Irã. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/09/18/morte-de-mulher-presa-por-nao-usar-veu-gera-revolta-popular-no-ira.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2023.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIESSAMAN, Catherine Kohler. Análise da narrativa. **M.S. Lewis-Beck**, A. Bryman e T. Futing Liao, eds (2003), *The Sage Encyclopedia of Social Science Research Methods*, 3 Vol. Boxed set, Sage.

SANTIAGO, Thomaz. Alcorão, o livro sagrado do Islã. **LEOM: Laboratório de Estudos de outros Medievos**, 2021. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/leom/2021/04/12/alcorao-o-livro/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

SANTOS, Claudia. A mulher no Oriente Médio e o Feminismo Islâmico. **Conjuntura Global**, v. 3, n. 4, out./dez., 2014, p. 210-217.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

WELLE, Deutsche. Último país que proibia mulheres de dirigir, Arábia Saudita começa a expedir carteira de motorista para elas. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/ultimo-pais-a-proibir-mulheres-de-dirigir-arabia-saudita-comeca-a-expedir-carteira-de-motorista-para-elas.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2023.